

Melancolia fina

O fenômeno da solidão urbana é um mal contemporâneo que se alastra pela vida das pessoas dilacerando corações num incessante *déjà vu*. No entretempo desse sentimento de incompletude e da necessidade inevitável de sedução vagueia o ponto de encaixe do novo disco de Adriana Calcanhotto. *Cantada* expõe com eficiente simplicidade a vulnerabilidade impositiva de quem pede cuidados, ora se oferecendo sem pudor, ora jogando com a fórmula do desinteresse para conquistar.

Com voz melodiosa e valendo-se de sonoridades livres de excessos a compositora recorre à poesia para dar respostas à sinceridade da sua dor. Imprimindo elegância aos impulsos da paixão ela preserva a integridade romântica de quem busca se enxergar por dentro de si mesma, no *lócus* mais intimista de onde brota o fascínio da ansiedade contida e o desejo de encantar. Assim, logo na capa ela começa a se mostrar em partes através da sinuosidade dos lábios em batom vermelho. Tem um quê de neotenia nessa expressão se a comparamos com os bilhetes adolescentes assinados com marca de batom.

A urgência do canto de Adriana é carregada de ilusão juvenil, mas pontuada também pela paciência que só a maturidade é capaz de consentir. Se por um lado o seu desejo errante prenuncia que “tudo pode acontecer / qualquer coisa / um deserto florescer”, por outro aceita complacente que “quanto mais eu te quero / mais sei esperar”. Detalhe por detalhe, todo o disco se desdobra na sua alma plena de sensibilidade criadora e cada faixa, cada toque pessoal fixado no projeto gráfico, reproduz a melancolia fina da sua totalidade artística.